

Sobre a natureza homogénea do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu

Fátima Oliveira
moliv@letras.up.pt

Faculdade de Letras /Centro de Linguística da Universidade do Porto

António Leal
jleal@letras.up.pt

Faculdade de Letras /Centro de Linguística da Universidade do Porto

ABSTRACT

In European Portuguese, ‘Pretérito Perfeito Composto’ (PPC) is a tense that presents some peculiarities distinguishing it clearly from similar constructions in other languages. Although this construction exhibits a single-eventuality reading in other languages, in EP there is typically a multiple eventuality reading. So, in the first part of this paper, we discuss the quantification over situations underlying the PPC in EP considering the notions of frequency, habituality and iteration. We argue that iteration is the relevant concept, as PPC converts an undetermined number of basic events of the same type into a single event.

However, in some cases, the PPC in EP has a second reading available: a single-eventuality, like in other languages. Therefore, in the second part of this paper, we present an aspectual analysis of the PPC that includes both the single-event reading and the iterative reading, in order to provide a unified explanation for both readings. To do so, we will resort to the notion of homogeneity as defined in Landman & Rothstein 2012a e 2012b). We will argue that homogeneity is a central aspectual property of PPC in EP and that the distinction between segmental homogeneity and incremental homogeneity proposed by these authors for ‘for x time’ adverbials allows us to explain both readings of this EP tense.

KEY-WORDS

pretérito perfeito composto, tense, aspect, homogeneity

RESUMO

O Pretérito Perfeito Composto do Indicativo (PPC) é um tempo que apresenta certas peculiaridades em Português Europeu que o distinguem inequivocamente de construções similares em outras línguas. De facto, enquanto, nas restantes línguas, esta construção veicula apenas uma eventualidade, em PE surge tipicamente uma leitura de repetição de eventualidades. Assim, na primeira parte deste trabalho, é analisada a natureza desta repetição de eventualidades – se se trata de iteração, frequência ou habitualidade. Defenderemos que

a mais adequada é a noção de iteração, na medida em que o PPC converte um número não determinado de eventos básicos do mesmo tipo numa única eventualidade, da qual os eventos básicos são subfases.

Contudo, esta leitura iterativa não surge em todos os casos: sob certas condições, o PPC pode ter uma leitura de eventualidade única. Deste modo, na segunda parte deste trabalho, apresentamos uma análise aspetual do PPC que inclui tanto a leitura de eventualidade única como a leitura iterativa, no sentido de fornecer uma explicação unificada para as leituras do PPC. Para isso, recorreremos à noção de *homogeneidade* tal como é definida em Landman & Rothstein (2012a e 2012b). Defendemos que a propriedade da homogeneidade é uma propriedade aspetual central do PPC em Português Europeu e que a oposição entre homogeneidade segmental e homogeneidade incremental proposta por estes autores para os adverbiais do tipo *'for x time'* permite explicar ambas as leituras deste tempo gramatical.

PALAVRAS-CHAVE

pretérito perfeito composto, tempo, aspeto, homogeneidade

1. Introdução

O Pretérito Perfeito Composto do Indicativo (PPC) do Português Europeu é um tempo que, no quadro das línguas românticas (e não só), apresenta traços peculiares. De facto, as predicções que comparecem com este tempo podem ter um leque de interpretações variado. Em primeiro lugar, em certos casos, podem ter uma leitura – obrigatória – de repetição de eventualidades, como em (1), leitura esta que não surge em construções similares em outras línguas românicas (cf. Paiva Boléo 1937; Castilho 1968; Squartini & Bertinetto 2000, e.o.). Em (1), a única interpretação possível é a de que houve uma sucessão de eventos de “o rapaz tossir”, sucessão essa que teve início no passado e que se prolonga até ao momento da enunciação.

(1) O rapaz tem tossido.

Para além dos casos de leitura de repetição de eventualidades, há exemplos com o PPC que apenas têm leitura de eventualidade única, como em (2). A interpretação deste exemplo requer considerar a existência de uma única situação, denotada por “o rapaz estar doente”, que teve início no passado e que se prolonga até ao momento da enunciação.

(2) O rapaz tem estado doente.

Finalmente, há a apontar casos em que ambas as leituras – de repetição de eventualidades e de eventualidade única – estão disponíveis, como em (3). Esta dupla possibilidade interpretativa pode ser comprovada, por exemplo, pela existência de duas opções de ligação anafórica, que são ilustradas em (3a) e (3b). Assim, o sujeito de (3a), no singular, retoma anaforicamente a predicação expressa em (3) na leitura de eventualidade única; já o sujeito de (3b), no plural, faz a retoma a partir da leitura de repetição de eventualidades.

(3) O rapaz tem perseguido a vizinha.

(3a) Esta perseguição começou hoje de manhã.

(3b) Estas perseguições começaram na semana passada.

Esta dupla possibilidade interpretativa das predicções com o PPC é condicionada por diversos fatores (cf. Oliveira, Leal & Silva, 2014), nomeadamente a localização do ponto de perspectiva temporal da predicação, o modo verbal do verbo auxiliar e certas propriedades semânticas de argumentos verbais e de certos adjuntos. Para além disso, existe também uma relação entre as leituras evidenciadas pelas predicções combinadas com o PPC e certas características aspetuais das próprias predicções básicas. Assim, (i) estados *stage-level* e situações eventivas durativas e atélicas podem ter tipicamente ambas as leituras, conforme ilustrado em (4)-(5); situações eventivas não durativas e situações eventivas durativas e atélicas têm a leitura de repetição das eventualidades, como se mostra em (6)-(8); finalmente, (9) mostra que predicados de indivíduo não ocorrem com o PPC.

(4) O rapaz tem estado no jardim.

(5) O glaciar tem deslizado pela encosta.

(6) O rapaz tem vencido a corrida.

(7) O rapaz tem tossido.

(8) O rapaz tem lido o texto.

(9) * O rapaz tem tido olhos azuis.

Neste trabalho, vamos concentrar-nos, em primeiro lugar, nos casos em que as predicções com o PPC evidenciam leitura de repetição de eventualidades, no sentido de procurar respostas para as seguintes questões: qual é a natureza da repetição subjacente a estas leituras? Trata-se de habitualidade, pelo que o PPC cria um estado habitual? Ou trata-se de frequência, havendo uma mera quantificação sobre situações, sem a criação de um tipo derivado? Ou será antes um caso de iteração, sendo o PPC um mecanismo de criação de um processo derivado pela repetição de situações do mesmo tipo?¹

Com o intuito de procurar uma resposta para estas questões, analisaremos, na secção 2, as relações que se podem estabelecer entre o PPC e cada uma das categorias anteriormente enunciadas.

Na secção 3, fazemos uma proposta de explicação de ambos os tipos de leitura que o PPC evidencia, tendo por base a noção aspetual de homogeneidade.

2. Relação do PPC com estruturas que envolvem repetição de situações

Nesta secção, analisamos o PPC nos casos em que há leitura de repetição de situações, tendo por base a proposta de Cunha (2006) relativa às noções de iteração, de frequência e de habitualidade.

2.1. PPC e estados habituais

Em termos gerais, a habitualidade está relacionada com uma repetição de situações que decorre em intervalos de tempo necessariamente longos e preferencialmente não delimitados. Esta categoria estabelece propriedades

¹ Veja-se a propósito destas questões, Lopes (1986/2005:108): “[...] em formas compostas como as que encontramos em *tem estado doente*, *tem as cartas já escritas*, *tem escrito muitas cartas*, o auxiliar *ter*, no presente morfológico viabiliza a hipótese de que afinal se trate de variantes aspetuais durativas, resultativas ou durativas-frequentativas do presente”.

caracterizadoras das diversas entidades que predica, criando predicados de indivíduo a partir de uma generalização sobre propriedades episódicas. De acordo com Cunha (2006), os estados habituais em PE comportam-se como perspetivadores aspetuais.

As predicacões com PPC apresentam alguns aspetos que podem também ser encontrados em construções que veiculam habitualidade. Em primeiro lugar, tanto o PPC como os estados habituais denotam, tipicamente, a repetição de eventualidades. Vejam-se os exemplos (10), com o presente do indicativo, e (11), com o PPC: em ambos os casos está subjacente uma repetição da eventualidade “o João fumar”.

(10) O João fuma.

(11) O João tem fumado.

Um segundo aspeto que aproxima o PPC de construções habituais é o facto de todas as classes aspetuais poderem ocorrer em construções de habitualidade e com o PPC, com a exceção, em ambos os casos, dos predicados de indivíduo não faseáveis. Vejam-se (12), com exemplos de estados habituais (com o presente do indicativo e o advérbio “habitualmente”) e (13), com o PPC: em ambos os casos, há agramaticalidade apenas quando está em causa o predicado de indivíduo não faseável “o João ter olhos azuis”.

(12) a. Habitualmente, o João almoça na cantina. (processo culminado)
b. Habitualmente, o João fecha a janela do quarto à noite. (culminação)
c. Habitualmente, o João é simpático. (predicado de indivíduo faseável)
d. *Habitualmente, o João tem olhos azuis. (predicado de indivíduo não faseável)

(13) a. O João tem almoçado na cantina. (processo culminado)
b. O João tem fechado a janela do quarto à noite. (culminação)
c. O João tem sido simpático. (predicado de indivíduo faseável)
d. * O João tem tido olhos azuis. (predicado de indivíduo não faseável)

Finalmente, tanto com o PPC como com construções de habitualidade, a coocorrência com a expressão “sempre que” dá origem a exemplos agramaticais (cf. Cunha 2006), como se ilustra em (14). Os exemplos em (15) são gramaticais na medida em que a expressão “sempre que” opera sobre eventos.

- (14) a. * Sempre que o João habitualmente almoça na cantina, encontra os amigos.
b. */??? Sempre que o João tem almoçado na cantina, encontrou os amigos.
- (15) a. Sempre que o João almoça na cantina, encontra os amigos.
b. Sempre que o João almoçou na cantina, encontrou os amigos.

Apesar de existirem estas semelhanças entre o PPC e os estados habituais, existem também diferenças relevantes a apontar. Assim, e ao contrário dos estados habituais, o PPC não requer intervalos de tempo longos. Vejam-se os exemplos em (16): com a predicação “a equipa A comprar jogadores exclusivamente europeus”, o PPC é perfeitamente compatível com o adverbial “na última semana” em (16a), ao contrário do presente do indicativo, em (16b), que cria um estado habitual.

- (16) a. Na última semana, a equipa A tem comprado jogadores exclusivamente europeus.
b. */??? Ultimamente/*na última semana, a equipa A compra jogadores exclusivamente europeus.

Em segundo lugar, ao contrário dos estados habituais, o PPC não parece corresponder a propriedades gerais das entidades que predica. É por este motivo que, em (17a) se pode negar ser um hábito do João chegar atrasado às aulas, mas, em (17b), não se pode negar que fumar é um hábito do João.

- (17) a. O João tem chegado tarde às aulas nesta semana, o que nem é hábito nele.
b. * O João fuma, o que nem é hábito nele.

Em terceiro lugar, os estados habituais não se combinam com adverbiais de localização (cf. Cunha, 2006), o que explica a agramaticalidade de (18a). Contudo, (18b) mostra que o PPC admite a combinação com o advérbio de localização “hoje”.

- (18) a. * O João fuma hoje.
b. O João tem fumado hoje.

Finalmente, o PPC não é verdadeiro em todos os subintervalos do intervalo a que se aplica, enquanto os estados, inclusivamente os estados habituais, são, pelo contrário, verdadeiros em todos os subintervalos do intervalo a que se aplicam. Por este motivo, a partir de (19), se pode inferir que é verdade que o João é fumador ininterruptamente desde 2010. Contudo, a partir de (20), não se pode fazer a mesma inferência.

- (19) O João fuma desde 2010.
(20) O João tem fumado desde 2010.

Apresentamos a seguir um quadro que sistematiza as semelhanças e diferenças apontadas ao PPC e estados habituais.

Quadro I – PPC e estados habituais: semelhanças e diferenças

Semelhanças	Diferenças
<ol style="list-style-type: none"> 1. Repetição de eventualidades 2. Compatibilidade com todas as classes aspetuais, exceto predicados de indivíduo não faseáveis 3. Coocorrência agramatical com “sempre que” 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ao contrário dos estados habituais, o PPC não requer intervalos de tempo longos 2. Ao contrário dos estados habituais, o PPC não corresponde a propriedades gerais das entidades 3. Os estados habituais não se combinam com advérbias de localização; o PPC admite a combinação com o advérbio “hoje” 4. Ao contrário dos estados habituais, o PPC não é verdadeiro em todos os subintervalos do intervalo a que se aplica

Embora haja aspetos em comum entre o PPC e as estruturas de habitualidade, não parece ser possível considerar o PPC como um operador de habitualidade. Salientamos, em particular, as diferenças 2 e 4 no quadro I como cruciais para esta conclusão. De facto, se o PPC não é verdadeiro em todos os subintervalos do intervalo a que se aplica e não corresponde a propriedades gerais das entidades, então não parece ser um tipo de estado. Assim, na secção seguinte, viramos a nossa atenção para a comparação entre o PPC e as estruturas de frequência.

2.2. PPC e estruturas de frequência

Resumidamente, podemos dizer que a frequência expressa padrões de repetição de situações (baixa, média, alta frequência) enquadradas num determinado intervalo temporal cuja extensão pode ser muito variável. A quantidade de situações envolvidas nesta repetição pode ser especificada (e.g. “três vezes”) ou não especificada (e.g. “frequentemente”).

Em Português, a frequência está associada a certos advérbias, como “frequentemente”, “ocasionalmente”, “muitas vezes”, “várias vezes”, “n

vezes”, “de vez em quando”).

De acordo com Cunha (2006), a frequência não altera o perfil aspetual básico das predicções com que coocorre, no sentido em que não cria, como no caso da iteração, um evento de tipo processual derivado a partir da repetição de situações básicas. Para além disso, a frequência requer que haja pausas ou intervalos significativos entre as situações (i.e. descontinuidade entre os intervalos temporais que correspondem aos eventos repetidos).

Tal como no caso da habitualidade, podemos encontrar pontos de convergência e de divergência entre o PPC e estruturas que veiculam frequência. Começemos pelas semelhanças.

Tanto o PPC como as estruturas que expressam frequência têm subjacente a noção de repetição de situações e, em ambos os casos, essa repetição pode corresponder a baixa, média ou alta frequência, como se ilustra em (21).

- (21) a. O João tossiu {ocasionalmente/algumas vezes/frequentemente}.
- b. O João tem tossido. (a frequência com que as situações se repetem não está definida)

Para além disso, em ambos os casos, há pausas de extensão variável entre os eventos que compõem a sequência. Assim, em (22), o intervalo entre cada dois trovões é variável, quer se trate de uma estrutura de frequência (22a), quer se trate do PPC (22b).

- (22) a. Trovejou algumas vezes durante esta semana.
- b. Tem trovejado durante esta semana.

Finalmente, tal como acontece com o PPC, todas as classes aspetuais podem ocorrer em construções de frequência (cf. (23), com eventos e predicado de indivíduo faseável), com a exceção dos predicados de indivíduo não faseáveis (cf.(24)).

- (23) a. O João almoça na cantina frequentemente. (cf. O João tem almoçado na cantina.)
 b. O João corre frequentemente na praia. (cf. O João tem corrido na praia.)
 c. O João fecha a janela do quarto à noite frequentemente. (cf. O João tem fechado a janela do quarto à noite.)
 d. O João tosse frequentemente. (cf. O João tem tossido.)
 e. O João é simpático frequentemente. (cf. O João tem sido simpático.)
- (24) * O João tem olhos azuis frequentemente. (cf. * O João tem tido olhos azuis.)

Passemos agora aos aspetos que afastam o PPC das estruturas de frequência. Em primeiro lugar, com certas predicções (alguns estados e processos), o PPC não acarreta necessariamente uma pluralização de situações; pelo contrário, a ocorrência de adverbiais de frequência força a leitura de repetição de situações. Deste modo, tanto em (25a), como em (26a), o estado “o João estar no jardim” e o processo “o João perseguir a vizinha” podem ter tanto uma leitura de eventualidade única, como uma leitura de repetição de eventualidades. A escolha de uma ou outra leitura pode ser favorecida por certos adverbiais: um adverbial que denote um intervalo curto, como “na última meia hora”, favorece uma leitura de eventualidade única, enquanto um adverbial que denote um intervalo prolongado, como “na última semana”, favorece uma leitura de repetição de situações. Contudo, no caso dos exemplos (25b) e (26b), com o adverbial “frequentemente”, indutor de frequência, apenas a leitura de repetição de situações está disponível.

- (25) a. O João tem estado no jardim {na última meia hora/ na última semana}.
 b. O João esteve no jardim frequentemente.
- (26) a. O João tem perseguido a vizinha {na última meia hora / na última semana}.

b. O João perseguiu a vizinha frequentemente.

Em segundo lugar, há casos com o PPC em que existem alterações aspetuais na predicação básica (nomeadamente com alguns processos culminados), dando lugar a leituras imperfectivas. É o que se passa em (27a): esta frase permite a inferência de que o João ainda não leu o livro, ou seja, permite que seja retirada a culminação do núcleo aspetual da predicação “o João ler o livro”. Pelo contrário, uma construção de frequência nunca permite esta leitura imperfectiva, na medida em que a ocorrência de adverbiais de frequência força a leitura de repetição de situações completas, como se exemplifica em (27b)

(27) a. O João tem lido o livro.

→ O João (ainda) não leu o livro.

b. O João leu o livro frequentemente.

→ O João leu o livro até ao fim diversas vezes.

Um terceiro aspeto que permite afastar o PPC das estruturas de frequência prende-se com o facto de o PPC não se combinar com adverbiais que indiquem a cardinalidade dos eventos repetidos (cf. Oliveira & Leal 2012 e.o.), ao contrário das estruturas de frequência. Vejam-se os exemplos (28): é possível apontar a cardinalidade de tossidas numa estrutura de frequência (28a), mas não com o PPC (28b).

(28) a. O João tossiu 3 vezes.

b. * O João tem tossido 3 vezes.

Apresentamos novamente um quadro que sistematiza as semelhanças e diferenças apontadas ao PPC e estruturas de frequência.

Quadro II – PPC e estruturas de frequência: semelhanças e diferenças

Semelhanças	Diferenças
<ol style="list-style-type: none"> 1. Repetição de eventualidades 2. Essa repetição pode corresponder a baixa, média ou alta frequência 3. Há pausas de extensão variável entre os eventos que compõem a sequência 4. Todas as classes aspetuais podem ocorrer, exceto predicados de indivíduo não faseáveis 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Com estados e processos, o PPC pode não implicar uma pluralização de situações 2. Com processos culminados, o PPC pode acarretar alterações aspetuais 3. O PPC não se combina com adverbiais que indiquem a cardinalidade dos eventos repetidos

Tal como no caso anterior, relativamente à habitualidade, também agora podemos apontar aspetos que distinguem o PPC das estruturas de frequência e que, no nosso entendimento, são cruciais. Referimo-nos às diferenças apontadas em 1 e 2. De facto, apesar de haver pontos de contacto, não podemos considerar o PPC como um operador de frequência, na medida em que, quando combinado com situações durativas e atélicas, pode não implicar a repetição de situações e, com situações durativas e télicas, pode proceder a alterações aspetuais no núcleo de uma mesma predicação.

Na secção seguinte, procederemos à comparação entre o PPC e o terceiro tipo de estruturas que envolvem a repetição de situações, neste caso, a iteração.

2.3. PPC e estruturas iterativas

A iteração é considerada um operador aspetual que cria uma repetição de situações idênticas, tipicamente em intervalos de tempo curtos e delimitados e sem que haja pausas significativas entre cada situação (Cunha 2006). Esta repetição de situações é tida, no seu conjunto, como um processo de tipo derivado, pelo que as eventualidades que se repetem são subfases, ou partes, desse processo (*multiple-events activities*, em Smith 1991)

De acordo com Cunha (2006), a iteração cria, portanto, um processo derivado, pelo que, aspetualmente, é dinâmico, durativo e atélico. Podemos acrescentar que este processo derivado é, também, cumulativo e divisível. Relativamente à cumulatividade, veja-se (29). Considerando as frases em

(29), se é verdade que “o João tossir” aconteceu num intervalo de tempo entre as 2h e as 2h05m e se é verdade que “o João tossir” aconteceu num intervalo de tempo entre as 2h05m e as 2h10m, então é verdade que “o João tossir” aconteceu num intervalo de tempo entre as 2h e as 2h10m. Quanto à divisibilidade, veja-se (30): se é verdade que “o João tossir” aconteceu num intervalo de tempo de 10 minutos, então é verdade que “o João tossir” aconteceu num subintervalo desse intervalo de tempo.

(29) a. O João tossiu das 2h às 2h05m.

b. O João tossiu das 2h05m às 2h10.

→ O João tossiu das 2h às 2h10m.

(30) O João tossiu durante 10 minutos

→ O João tossiu durante os primeiros 5 minutos.

Note-se que a divisibilidade das estruturas iterativas não se aplica a qualquer instante do intervalo considerado, mas está limitada pela existência de subfases sucessivas, constituídas pelos eventos básicos repetidos (cf. Cunha 2006).

A iteração pode ser desencadeada por propriedades lexicais ou morfológicas, mas também por propriedades de argumentos internos, assim como por adverbiais temporais durativos, quando combinados com predicções básicas não durativas (cf. Cunha 2006).

Por fim, de salientar que, do ponto de vista aspetual, os estados e processos estão excluídos de estruturas iterativas e que a iteração não provoca alterações no tipo aspetual básico das situações repetidas (Cunha 2006).

Uma análise das construções com PPC põe em evidência alguns aspetos que nos podem levar a pôr em questão que se trate de casos de iteração. Em primeiro lugar, e segundo Cunha (2006), na iteração, os eventos têm de estar organizados de forma contígua, sem pausas significativas entre si (cf. (31)); com o PPC, esse requisito não é relevante (cf. (32)).

(31) O João tossiu durante 10 minutos.

(32) O João tem tossido (desde esta manhã / desde a semana passada).

Para além disso, de acordo com Cunha (2006), a iteração requer um intervalo de ocorrência relativamente curto e delimitado (cf. (31)); pelo contrário, o intervalo a que corresponde um PPC pode ter uma extensão muito variável (cf. (32)).

Finalmente, e ao contrário da iteração, o PPC com leitura de repetição das eventualidades permite a combinação com processos e estados. Vejam-se os exemplos (33) e (34).

(33) O João tem estado no jardim na última semana.

(34) O João tem perseguido a vizinha na última semana.

Contudo, há um conjunto de aspetos que aproximam o PPC das restantes estruturas de iteração. Em primeiro lugar, tal como as estruturas de iteração, o PPC converte um número não determinado de eventualidades numa única eventualidade (cf. (35)) e as eventualidades repetidas constituem as subfases dessa eventualidade processual. Por outras palavras, em ambos os exemplos de (35) se considera uma eventualidade constituída por subfases que correspondem a cada um dos espirros dados pelo João.

(35) a. O João espirrou durante meia hora.

b. O João tem espirrado.

Para além disso, as eventualidades grupais criadas pelo PPC têm as propriedades da divisibilidade e da cumulatividade, tal como as estruturas iterativas. Quanto à divisibilidade, se a proposição em (36a) é verdadeira, então também é verdadeira em qualquer subintervalo contido no intervalo de tempo cuja fronteira inicial é marcada por “as três horas” e cuja fronteira final coincide com o momento da enunciação. No que concerne à cumulatividade, vejam-se (36b-c). Se é verdade (36a) e se é verdade (36b), é necessariamente verdade (36c)

- (36) a. O João tem tossido desde as 3 horas.
b. O João tossiu entre as 2 horas e as 3 horas.
c. → O João tem tossido desde as 2 horas.

É de salientar que a repetição de situações do PPC tem uma natureza cumulativa, apesar de ter uma fronteira temporal à esquerda (implícita ou explícita) e uma fronteira à direita (momento da enunciação).

Note-se, por fim, que, com alguns processos culminados, os subeventos repetidos denotados pelo PPC não correspondem às eventualidades básicas, mas apenas a partes do seu processo preparatório. É o caso de (37), em que o que se repete são subpartes do processo preparatório de “escrever a tese”.

- (37) O João tem escrito a tese.

Apresentamos a seguir um quadro que sistematiza as semelhanças e diferenças apontadas ao PPC e estruturas de iteração.

Quadro III – PPC e estruturas de iteração: semelhanças e diferenças

Semelhanças	Diferenças
<ol style="list-style-type: none">1. Repetição de eventualidades.2. Converte-se um número não determinado de eventualidades numa única eventualidade.3. Os eventos básicos repetidos são as subfases da eventualidade derivada.4. As eventualidades derivadas são divisíveis e cumulativas.	<ol style="list-style-type: none">1. Na iteração, os eventos têm de estar organizados de forma contígua, sem pausas significativas entre si (de acordo com Cunha, 2006); o PPC exige que haja pausas significativas entre os eventos que se repetem.2. A iteração requer um intervalo de ocorrência relativamente curto e delimitado (de acordo com Cunha, 2006); o intervalo a que corresponde um PPC pode ter uma extensão muito variável.3. O PPC combina-se com processos e estados (as estruturas iterativas, não, de acordo com Cunha, 2006).

Embora haja diferenças, elas não parecem ser significativas, como nos casos da habitualidade e da frequência. Por exemplo, a diferença

apontada em 3 sugere que o PPC tem um alcance maior do que os restantes desencadeadores da iteração. Os dados apresentados indiciam, portanto, que o PPC corresponde a uma estrutura de iteração com um alcance mais vasto do que o que é proposto em Cunha (2006) e que a definição dada por este autor requererá provavelmente alguma reformulação.²

3. Leituras iterativa e não iterativa do PPC: para uma explicação

A análise que é efetuada na secção anterior leva-nos a defender que o processo criado pelo PPC é um processo de natureza iterativa, e não habitual ou frequentativa. Este processo evidencia uma homogeneidade “relativa”, na medida em que, apesar de o processo não se aplicar ao longo de todo um intervalo (dado que tem pausas), os falantes o interpretam como se a predicação se aplicasse a todos os instantes do intervalo (cf. Kratzer 1989; Landman & Rothstein 2012a, 2012b). Contudo, há a realçar que a criação de um processo de natureza iterativa não acontece em todos os casos, havendo a possibilidade de surgimento de leitura não iterativa com alguns tipos aspetuais de predicações - processos e estados stage-level. Torna-se, portanto, necessário conciliar estas duas interpretações do PPC, ou seja, determinar o que permite que este tempo gramatical permita leituras aparentemente antagónicas.³

Para tal, avançamos com a seguinte hipótese: o PPC é um operador que cria eventualidades que se caracterizam pela sua homogeneidade. As duas leituras possíveis do PPC prendem-se com tipos diferentes de homogeneidade: (i) no caso de haver leitura de eventualidade única, trata-se de homogeneidade segmental (Landman & Rothstein 2012a); (ii) no caso de haver leitura iterativa, trata-se de homogeneidade incremental (Landman & Rothstein 2012b).

A homogeneidade segmental corresponde à propriedade de subintervalos.

² Neste trabalho, não temos como objetivo averiguar se a iteração associada ao PPC tem subjacente um mecanismo que pode ser classificado como “operador” ou como “perspetivador” aspetual (cf. Cunha, 2004).

³ A propósito desta questão, veja-se Ilari (2001:148-149): “Para tratar do PASSADO COMPOSTO nessa perspectiva unificada, a regra semântica precisa aplicar-se tanto a grandezas discretas como a grandezas contínuas, ou seja, ao invés de tentar reduzir a duração à iteratividade de eventos momentâneos, ou vice-versa, precisamos buscar uma matriz capaz de aceitar os dois tipos de eventos”

De acordo com Landman & Rothstein (2012b:100), “um estado s é homogéneo sse, para cada subintervalo i incluído no tempo de duração de s , existir um estado s' que pertence ao mesmo tipo de eventualidade que s tal que s e s' são transtemporalmente idênticos (i.e. para efeitos de contagem de eventualidades, são a mesma eventualidade) e o tempo de duração de s' corresponde a i ”⁴. Para ilustrar esta definição, atente-se no exemplo (38).

(38) O rapaz tem estado no jardim (na última meia hora).

Relativamente a (38), o estado de ‘o rapaz estar no jardim’, que acontece na última meia hora, é segmentalmente homogéneo, pois, em cada subintervalo do tempo de duração do estado ‘o rapaz estar no jardim’, existe um estado de ‘o rapaz estar no jardim’ que conta como “o mesmo estado” que ‘o rapaz estar no jardim’ (o estado global, ou total).

Deste modo, considerando apenas a propriedade da homogeneidade segmental, não existem diferenças entre (38), com o PPC, e (39), com o Pretérito Perfeito Simples: as diferenças entre estes tempos gramaticais são, de certa forma, anuladas.

(39) O rapaz esteve no jardim (na última meia hora).

Por seu lado, quando há leitura iterativa, estamos perante o segundo tipo de homogeneidade, a homogeneidade incremental, que caracteriza os eventos de tipo processual. Para explicar este segundo tipo de homogeneidade, Landman & Rothstein (2012b) partem da noção de *onset*. De acordo com Landman e Rothstein, todos os predicados eventivos têm um evento *onset*. Este evento *onset* é um evento que corresponde a um estádio inicial de um evento e e que não é um ponto. Tomemos como exemplo, para ilustrar esta noção, o predicado ‘comer uma maçã’, o qual, aspetualmente, corresponde a um processo culminado. O *onset* do predicado ‘comer uma maçã’ é um predicado eventivo com um núcleo verbal que corresponde a ‘comer’. Este *onset* (i) corresponde a um estádio inicial de ‘comer uma maçã’ ou seja, faz

⁴ Tradução nossa de: “State s in stative event type α is *homogenous with respect to* α iff if $\tau(s,w)$ is defined then for every subinterval $i \subseteq \tau(s,w)$, there is a state $s' \in \alpha$ such that $s' \sim s$ and $\tau(s',w) = i$ ” Landman & Rothstein (2012b:100)

parte do evento de ‘comer uma maçã’, (ii) está em decurso num tempo de duração que é um subintervalo inicial de ‘comer uma maçã’, (iii) é maior do que um ponto, (iv) é o menor evento que corresponde à denotação de ‘comer’ e (v) está na denotação de ‘comer’, mas não na denotação de ‘comer uma maçã’, pelo que corresponderá à sequência composta por: *trincar, mastigar e engolir o primeiro pedaço de maçã*.

Apresentada a noção de *onset*, passemos à noção de homogeneidade incremental. Um evento *e* é incrementalmente homogéneo sse, para cada subintervalo inicial próprio *i* que faça parte do tempo de duração de *e* e que se encontre incrementalmente entre o tempo de duração do *onset* de *e* e o tempo de duração de *e*, (i) existir um evento do mesmo tipo, que é transtemporalmente idêntico a *e* e (ii) que tem *i* como o seu tempo de duração. Vejamos a aplicação desta noção ao predicado ‘dançar’: se *e* for um evento de ‘dançar’, encontramos, para cada subintervalo próprio do tempo de duração de *e* que estenda incrementalmente o tempo de duração do *onset-dançar* de *e*, um evento transtemporalmente idêntico a *e*, que é ele próprio um evento de ‘dançar’.

Este segundo tipo de homogeneidade, por ser de natureza incremental, permite a existência de pausas. Para ilustrar esta afirmação, tomemos novamente como exemplo o predicado ‘dançar’, em (40).

(40) A Maria dançou na festa.

Em (40), podemos assumir a existência de um evento de ‘dançar’ entre as 21h e as 22h, mesmo que tenha havido pausas (por exemplo, mesmo que a Maria tenha parado de dançar para beber um copo de água duas vezes). Para tal, é necessária uma decisão contextual que determine que um evento de ‘dançar’ é o prolongamento incremental de um evento de ‘dançar’ anterior (ou seja, há identidade transtemporal).

Tendo apresentado as noções de homogeneidade propostas em Landman & Rothstein (2012a, 2012b), vejamos de que forma se pode aplicar a noção de homogeneidade incremental ao PPC com leitura iterativa. Considere-se (41).

(41) O miúdo tem tossido.

Seguindo Landman & Rothstein (2012b), propomos o seguinte tratamento para a leitura iterativa da frase (41). Uma sequência de eventos de ‘o miúdo tossir’ é transformada num processo através da adição de pausas, tal como é ilustrado no Quadro 4.

Quadro 4 – representação da leitura iterativa do PPC

evento1	evento2	evento3	evento4
	pausa1	pausa2	pausa3

A situação começa com o evento1. A fase seguinte será a união da subeventualidade constituída por *evento 1 + pausa1* com *evento2*, tidos como transtemporalmente idênticos. A decisão de *evento1* e *pausa1* contarem como transtemporalmente idênticos é de natureza contextual. Assim, *evento1*, neste contexto, não conta como uma eventualidade por si só, mas é apenas uma fase de um processo maior. O *onset* deste processo é a fase desde o primeiro evento de ‘o miúdo tossir’ até ao segundo evento – i.e. o primeiro momento em que se verifica que há uma iteração.

Note-se que, de acordo com Landman & Rothstein (2012b), a decisão de gerar mais fases transtemporalmente idênticas em processos iterativos é uma decisão contextual. Já de acordo com a proposta que aqui avançamos, o PPC caracteriza-se por forçar a criação de fases transtemporalmente idênticas até ao momento da enunciação. Ou seja, no caso de frases com o PPC, a criação de fases transtemporalmente idênticas não tem a ver com uma decisão contextual, mas é informação marcada gramaticalmente.

4. Observações finais

A análise que efetuámos ao longo deste trabalho permitiu pôr em evidência alguns aspetos do PPC em PE. Assim, apesar de este tempo gramatical partilhar características com construções de habitualidade e de frequência,

apresenta também diferenças que nos parecem irredutíveis. Referimo-nos especificamente ao facto de, ao contrário dos estados habituais, o PPC não corresponder a propriedades gerais das entidades e não ser verdadeiro em todos os subintervalos do intervalo a que se aplica. Para além disso, e ao contrário das estruturas frequentativas, o PPC com estados e processos, não leva a uma pluralização de situações quando se combina com predicções que sejam estados e processos e, com alguns processos culminados, pode acarretar alterações aspetuais.

Assim, propusemos que o processo criado pelo PPC é um processo de natureza iterativa e que esta iteração veiculada pelo PPC, contrariamente ao que é proposto em Cunha (2006) para outras construções iterativas, não exige um intervalo curto, nem a contiguidade dos eventos, assim como não exclui processos e estados.

A propriedade central dos processos que são criados por iteração pelo PPC é, na nossa proposta, a homogeneidade “relativa” ou incremental. Isto significa que, apesar de o processo não se aplicar ao longo de todo um intervalo (por haver pausas), os falantes o interpretam como se a predicação se aplicasse a todos os instantes do intervalo (cf. Kratzer 1989; Landman & Rothstein 2012b). Assim, o PPC denota uma eventualidade derivada que, na leitura iterativa, é obrigatoriamente tida como não se aplicando a todos os instantes do intervalo relevante, i.e. tem necessariamente pausas entre as suas fases.

O PPC é, por conseguinte, um operador que cria eventualidades homogéneas, no sentido que é dado em Landman & Rothstein (2012a, 2012b): no caso de haver leitura de eventualidade única (com estados e processos), a homogeneidade é de tipo segmental; no caso de haver leitura iterativa (com eventos e estados *stage-level*), a homogeneidade é de tipo incremental.

REFERÊNCIAS

- Cunha, L.F. 2006. Frequência vs. Habitualidade: Distinções e Convergências. In: *Actas del XXXV Simposio Internacional de la Sociedad Española de Lingüística*, 333-357. Retirado da Internet, a 25 de maio de 2012: <http://www3.unileon.es/dp/dfh/SEL/actas/Cunha.pdf>.
- Ilari, R. 2001. Notas sobre o Passado Composto em Português. *Letras*, Curitiba, 55: 129-152.
- Kratzer, A. 1989. An Investigation of the Lumps of Thought. *Linguistics and Philosophy*, 12, nº5: 607-653.
- Laca, B. 2006. Indefinites, quantifiers and pluractionals. What scope effects tell us about event pluralities. In: S. Vogeleer; L. Tasmowski (Eds.). *Non-definiteness and plurality*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 191-217.
- Laca, B. 2010. Perfect Semantics: How Universal Are Ibero-American Present Perfects?. In: C. Borgonovo et al. (Eds.). *Selected Proceedings of the 12th Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 1-16. Retirado, a 25 de maio de 2012, da Internet: <http://www.lingref.com/cpp/hls/12/paper2401.pdf>.
- Landman, F. & Rothstein, S. 2012a. The felicity of aspectual *for*-phrases, part 1: homogeneity. *Language and Linguistic Compass*. Oxford: Blackwell-Wiley, 85-96.
- Landman, F. & Rothstein, S. 2012b. The felicity of aspectual *for*-phrases, part 2: incremental homogeneity. *Language and Linguistic Compass*. Oxford: Blackwell-Wiley, 97-112.
- Link, G. 1983. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice-theoretical approach. In: R. Bäuerle; C. Schwarze; A. von Stechow (Eds.). *Meaning, use and interpretation of language*. Berlin: Walter de Gruyter, 302-323.
- Lopes, O. 1986/2005. Sobre as noções de definido e de presente de enunciação. *Entre a Palavra e o Discurso*. Estudos de Lingüística (1977-1993). Edição coordenada por F. Oliveira e A. M. Brito. Porto: Campo das Letras, 105-120.
- Martinez-Atienza, M. 2008. Dos formas de oposición en el ámbito románico.

- In: Carrasco Gutiérrez, A. *Tiempos compuestos y formas verbales complejas*. Madrid: Lingüística Iberoamericana, 204 -229.
- Oliveira, F. 2003. Tempo e Aspeto. In: Mateus, M. H. et al., *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 127-178.
- Oliveira, F. & Leal, A. 2012. "Sobre a iteração do Pretérito Perfeito Composto em Português Europeu". In. *Linguística - Revista de Estudos Linguísticos da UP*, vol.7, nº1: 65-88.
- Oliveira, F., Leal, A. & Silva, F. 2014. Pretérito Perfeito Composto e quantificação em Português Europeu. *Textos Seleccionados do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 407-418.
- Smith, C. 1991. *The Parameter of Aspect*. Dordrecht: Reidel Pub. Comp.
- Squartini, M. & Bertinetto, P.M. 2000. The Simple and Compound Past in Romance Languages. In: Ö. Dahl (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*. Berlin: Mouton de Gruyter, 403-440.
- Van Geenhoven, V. 2004. For-adverbials, frequentative aspect, and pluractionality. *Natural Language Semantics*, 12, nº2: 135-190.
- CETEMPúblico (Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público) - <http://www.linguateca.pt/>